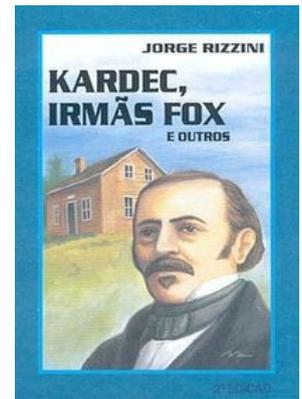


O Espírito de Verdade seria o filósofo Sócrates?

“O que caracteriza o livre-pensador é que este pensa por si mesmo, e não pelos outros; em outros termos, sua opinião lhe é própria.” (ALLAN KARDEC)

Em ***Kardec, Irmãs Fox e Outros***, o que pensa o escritor Jorge Rizzini (1924-2008). Respondendo à pergunta “O Espírito de Verdade é o Cristo?”, respondeu objetivamente: “**Não**. Se fosse, jamais teria dito aos apóstolos; ‘... eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade...’” ⁽¹⁾ (grifo do original). O texto bíblico mencionado consta em João 14,16.



Qualquer estudioso que se dedicar a uma pesquisa aprofundada, perceberá que foi o próprio Allan Kardec quem relacionou o Consolador prometido por Jesus ao Espiritismo, e não a um Espírito específico. Ademais, não poderemos esquecer que Jesus, por diversas ocasiões, referia-se a si mesmo na terceira pessoa. O Espírito de Verdade, por sua vez, foi identificado como aquele que presidiu os trabalhos espirituais da Codificação, coordenando os Espíritos comunicantes e auxiliando diretamente Allan Kardec.

Continuando com Jorge Rizzini, apresentaremos a sequência de sua fala, aonde consta o que mais nos interessa, pois nele estará o seu pensamento:

A semelhança de personalidade, e até de linguagem (uma é reflexo de outra) explica-se pelo fato de que a evolução de ambos pode apresentar o mesmo nível ou quase o mesmo. Recordemos que Jesus não disse que enviaria o Espírito de Verdade; o que o Mestre disse, e com ênfase, é que *rogaria* a Deus e o Pai, então, enviaria o Espírito de Verdade à Terra. **O Espírito de Verdade foi um ilustre filósofo da Antiguidade**. E, por ser puro, é que **o insigne Espírito foi porta-voz do Cristo ao trazer para nosso planeta** o Espiritismo (o novo Consolador) e a belíssima mensagem

1 RIZZINI, *Kardec, Irmãs Fox e Outros*, p. 12.

contida no capítulo VI de “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, **em cujas primeiras frases Jesus, assim, se identifica:**

“Venho, como outrora, entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande que faz geminar as plantas e levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; e, como um segador, liguei em feixes o bem esparso pela Humanidade e disse: 'Vinde a mim, todos vós que sofreis!'” (itálico do original)

Essa mensagem foi transmitida em Paris pelo Espírito de Verdade em 1860, mas é de autoria de Jesus. Foi publicada pela primeira vez em 1861 e está inserida no capítulo XXXI de “*O Livro dos Médiuns*”... Quem a psicografou? Diz o Codificador, apenas que fora *obtida por um dos melhores médiuns* da Sociedade Espírita de Paris, o que faz supor que se trata de Ermance Dufaux, na época uma menina de, apenas, catorze anos de idade [...] A mensagem em questão, posteriormente, foi um pouco reduzida e incluída em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, trazendo, porém, desta vez, a assinatura do Espírito de Verdade. O fato parece-nos explicável: Allan Kardec, preocupado porque já muito se abusou deste nome (o de Jesus) em comunicações, evidentemente, apócrifas (são palavras dele em “*O Livro dos Médiuns*”), **achou por bem consultar o Guia. E o Espírito de Verdade, então, assinou-a, o que deixa patente que fora ele mesmo quem a trouxera à Terra, visto que não havia, é claro, necessidade da presença de Jesus para que fosse transmitida. O Codificador, notemos bem, não diz que a referida mensagem é do Cristo;** mas, perguntamos, se fosse apócrifa o Espírito de Verdade a teria assinado? E mais: se não fosse autêntica, Allan Kardec, com seu bom senso, a publicaria em dois livros da Codificação? E, mais ainda. O Codificador, anos depois, transcreveria essa mensagem em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, obra que trata, especificamente, dos ensinamentos de Jesus Cristo?

Observemos, agora, que **as três mensagens finais** do VI capítulo, a última do capítulo XX e a que serviu de prefácio para “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, **não obstante a linguagem que nos recorda a de Jesus, essas, sim, são de autoria do Espírito de Verdade.** A semelhança de linguagem, já o dissemos, pode ser atribuída à afinidade entre o Espírito de Verdade e Jesus. **Tenhamos sempre em mente que o Espírito de Verdade foi enviado à Terra a pedido do próprio Cristo!** Fiel porta-voz das Verdades Divinas, ele merecia, realmente, o pseudônimo que Jesus lhe deu: *Espírito de Verdade*. Que linguagem poderia ter um Espírito em tais condições, senão a sublime, principalmente ao tratar de temas evangélicos? Cremos, no entanto, que a análise poderia mostrar que a linguagem de Jesus e a do Espírito de Verdade não são, absolutamente, idênticas. Porque similitude não é igualdade.

Dissemos que o Espírito de Verdade é um filósofo da Antiguidade. Essa informação encontra-se em uma obra de Kardec publicada em 1858 e que o Codificador jamais reeditou. Refiro-me ao livro

“*Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*”... Eis aí a revelação que Allan Kardec nos faz sobre o Espírito de Verdade:

“Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (eu soube, depois, por outros Espíritos, que fora o de um ilustre filósofo da Antiguidade).” (2) (itálico do original, negrito nosso)

É fato que Allan Kardec não reeditou a obra mencionada, porque substituindo-a ele publicou *O Livro dos Médiuns*, conforme informou na sua Introdução (3).

Parece-nos que, no meio espírita, esta fala de Jorge Rizzini serviu de base para se identificar o “*um filósofo da antiguidade*” como sendo Sócrates, embora ele mesmo não tenha citado o seu nome.

Quanto ao nome, em 25 de março de 1856, ocorreu um diálogo entre Allan Kardec e seu guia espiritual, registrado em ***Obras Póstumas***, do qual transcrevemos:

P. – Meu Espírito familiar, quem quer que tu sejas, agradeço-te o me teres vindo visitar. Consentirás em dizer-me quem és?

R. – Para ti, **chamar-me-ei A Verdade** e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição. (4) (itálico do original, negrito nosso)

Em relação ao “familiar”, Allan Kardec explicou que: “*Nessa época, ainda se não fazia distinção nenhuma entre as diversas categorias de Espíritos simpáticos. Dava-se-lhes a todos a denominação de Espíritos familiares*” (5).

Dessa manifestação, foi que Allan Kardec fez estas duas referências:

1ª) 31/07/1858 – ***Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas***:

Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico. (Eu soube depois, por outros Espíritos, que **fora o de um ilustre**

2 RIZZINI, Kardec, *Irmãs Fox e Outros*, p. 12-24.

3 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 10-11.

4 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 305.

5 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 305.

filósofo da antiguidade) ⁽⁶⁾ (grifo nosso)

2ª) 19/01/1861 – ***O Livro dos Médiuns***:

Interroguei-o e ele se deu a conhecer sob um nome alegórico. (Vim a saber depois, por outros Espíritos, que **pertence a uma categoria muito elevada e que desempenhou na Terra importante papel.**) ⁽⁷⁾ (grifo nosso)

Então, a partir da publicação de *O Livro dos Médiuns*, o Codificador ampliou as características a respeito do Espírito de Verdade, porém abandonou a ideia de que teria sido um filósofo da antiguidade.

A questão que naturalmente se impõe é: por que será que Allan Kardec muda sua fala? Para buscarmos uma possível explicação, é preciso observar as considerações que ele faz, em ***Obras Póstumas***, sobre algumas comunicações:

a) Recebida em 11 de dezembro de 1855:

Vê-se, por estas perguntas, que eu era ainda muito noviço acerca das coisas do mundo espiritual. ⁽⁸⁾.

b) Recebida em 25 de março de 1856:

Nessa época, ainda não se fazia distinção nenhuma entre as diversas categorias de Espíritos simpáticos. Dava-se-lhes a todos a denominação de Espíritos familiares. ⁽⁹⁾

c) Recebida em 09 de abril de 1856, com o detalhe que nessa a pergunta é feita ao Espírito que se identificou como A Verdade:

A proteção desse Espírito, **cuja superioridade estava longe de imaginar**, de fato, jamais me faltou. [...]. ⁽¹⁰⁾ (grifo nosso)

Considerando que essas três comunicações têm como base os documentos pessoais de Allan Kardec e que, por sua vez, também são

6 KARDEC, *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas* in *Iniciação Espírita*, p. 232.

7 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 89.

8 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 302.

9 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 305.

10 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 307.

anteriores à época da publicação do livro *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, que se deu no ano de 1858, e que em sua substituição veio *O Livro dos Médiuns*, disponível ao público em data posterior, qual seja, no ano de 1861, e que neste último livro já mudava o “*um ilustre filósofo da antiguidade*” (se colocássemos o mais ilustre caberia como uma luva a Jesus) para qualificá-lo como sendo um Espírito “*que pertencia a uma categoria muito elevada e que desempenhou na Terra importante papel*” ⁽¹¹⁾ (se disséssemos o de uma categoria mais elevada que desempenhou o papel mais importante sobre a Terra, ficaríamos com a impressão de que, de fato, estaríamos falando de Jesus).

Concluimos que essa última descrição prevalece sobre as anteriores. Quer dizer, as comunicações constantes do livro *Obras Póstumas* são as que devemos considerar como o registro dos acontecimentos, enquanto que, para as outras, acreditamos na hipótese de Allan Kardec ter colocado a questão de modo diferente, por absoluta discricção, e também para que não atraísse a si, nem à Doutrina nascente, a ira dos religiosos de seu tempo, como aconteceu em relação ao Cristianismo, quando esse ainda se encontrava no início.

A respeito da “descrição”, encontramos em *Obras Póstumas* o registro de que, em 07 de maio de 1856, na casa do Sr. Roustan, por intermédio da médium Srta. Japhet, veio a informação do espírito Hahnemann, confirmando a Allan Kardec a missão de que estava incumbido ⁽¹²⁾. Pouco mais de um mês depois, em 12 de junho de 1856, na casa do Sr. C..., através da médium Srta. Aline C..., Allan Kardec, em diálogo com o Espírito de Verdade, pede-lhe que confirme se realmente possui uma missão, ao que lhe foi respondido: “*Confirmo o que te foi dito, mas **recomendo-te muita discricção**, se quiseres sair-te bem. [...]*” ⁽¹³⁾ (grifo nosso).

Diante dessa recomendação, pode-se colocar a seguinte questão: **se Allan Kardec, logo no início, tivesse identificado o Espírito de Verdade como sendo Jesus, estaríamos hoje falando do Espiritismo?** Mesmo sem essa revelação já sofreu fortíssimos ataques de todos os lados; certamente, se

11 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2013, p. 89.

12 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 309.

13 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 313.

tivesse relevado tal informação, o movimento espírita teria “morrido” no nascedouro.

Ademais, ao se comparar os dois candidatos, fica claro que a afirmação categórica de que seria alguém que “*desempenhou na Terra importante papel*” se aplica a Jesus e, em nossa opinião, não se ajusta a Sócrates.

Em 1868, há uma interessante observação de Allan Kardec, que nos ajudará no esclarecimento do uso, no livro *Instruções Práticas*, da expressão “*um ilustre filósofo*”, cujo teor poderemos encontrar no item 41, do capítulo I, de **A Gênese**:

Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza que ele revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com auxílio desta doutrina, veem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; **o Cristo** lhes parece maior: já **não é simplesmente um filósofo, mas um Messias divino**. ⁽¹⁴⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Fica evidente que a expressão “*um ilustre filósofo*” foi tomada pelo uso comum, mas, na fala acima, Allan Kardec eleva Jesus à categoria de um Messias divino.

Afirmar que a mensagem é de autoria de Jesus, mas que foi assinada pelo Espírito de Verdade, apoiando-se no fato de que Allan Kardec não disse ser do Cristo a referida mensagem, só pode ter sido um engano de Jorge Rizzini, pois foi dito sim. A comprovação disso está na observação de Allan Kardec inserida logo após a mensagem IX constante do capítulo “XXXI – Dissertações espíritas”, de **O Livro dos Médiuns**, na qual disse:

Obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, **esta comunicação foi assinada por** um nome que o respeito não nos permite reproduzir, senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor da sua autenticidade e porque dele muitas vezes se tem abusado demais, em comunicações evidentemente apócrifas. Esse nome é o de

14 KARDEC, *A Gênese*, 2013, p. 32.

Jesus de Nazaré. (continua) ⁽¹⁵⁾. (grifo nosso)

Um detalhe importante merece ser destacado: consta, nesse mesmo capítulo, no tópico “Comunicações apócrifas” que ao comentar duas mensagens do item XXXIII – atribuídas a Jesus – o Codificador reconhece como autêntica a assinatura aposta no item IX ⁽¹⁶⁾, ao explicar que:

Indubitavelmente, nada há de mau nestas duas comunicações; porém, teve **o Cristo alguma vez essa linguagem pretenciosa, enfática e empolada?** Faça-se a sua comparação com a que citamos acima, **firmada pelo mesmo nome**, e ver-se-á de que lado está o cunho da autenticidade. ⁽¹⁷⁾ (grifo nosso)

Para nós fica claro que, ao pedir para comparar essas duas mensagens com a anterior, e ver onde se encontra o “*cunho da autenticidade*”, é porque o Codificador admitiu como autêntica a primeira, que é exatamente a que citamos um pouco mais acima, ou seja, aquela “*firmada pelo mesmo nome*”, na qual consta a assinatura Jesus de Nazaré.

O que, em outras palavras, podemos dizer é que Allan Kardec admitia como verdadeira a comunicação dada por Jesus e que, em outra ocasião, ao colocá-la como assinada pelo Espírito de Verdade, é porque sabia que se tratava do mesmo Espírito e, dessa forma, também se mantinha a discrição que lhe foi sugerida.

Por outro lado, se a mensagem pertencesse a outro Espírito e não ao próprio Jesus, ela seria inautêntica e falsamente assinada, já que o próprio Espírito de Verdade posteriormente a assumiu como sendo de sua autoria. Assim, se o Espírito de Verdade tivesse assinado como “Jesus” não sê-lo de fato, teria falseado a sua identificação.

Um ponto também interessante é que na mensagem está se afirmando que “*Só muito raramente me comunico*”, exatamente o que o Espírito de Verdade, logo no início, disse a Allan Kardec que aconteceria.

15 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 392.

16 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 412.

17 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2007, p. 508.

Lembremo-nos de que a referida comunicação foi “*obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris*”, o qual não poderia simplesmente ter alterado a assinatura sem que o próprio Espírito de Verdade, de forma imediata, corrigisse tal equívoco. No entanto, o Espírito de Verdade permitiu que Allan Kardec a publicasse inicialmente em 1861, em *O Livro dos Médiuns*, vindo a retificá-la apenas em 1864, três anos depois, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Retornado à observação de Allan Kardec:

(Continuação) Não duvidamos de modo algum que Ele possa manifestar-se, mas se os Espíritos verdadeiramente superiores somente o fazem em circunstâncias excepcionais, a razão nos inibe de acreditar que o Espírito puro por excelência responda ao chamado do primeiro que apareça. **Em todo caso, haveria profanação em lhe atribuirmos uma linguagem indigna dele. É por estas considerações que temos sempre evitado publicar o que traga esse nome**, e julgamos que ninguém será cuidadoso excessivamente no tocante a publicações deste gênero, que só têm autenticidade para o amor-próprio e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do Espiritismo. ⁽¹⁸⁾ (grifo nosso)

Também aqui há um ponto relevante: Allan Kardec afirmou que “*é por estas considerações que temos sempre evitado publicar o que traga esse nome*”, referindo-se a Jesus. Essa postura indica que, embora o nome de Jesus fosse evitado nas comunicações publicadas, sua presença espiritual se manifestou em várias outras oportunidades.

Conforme registrado na *Revista Espírita 1863*, mês de dezembro, em comunicação datada de 17/09/1862, o Espírito São José corrobora essa ideia dizendo “*Pregai a boa doutrina, a doutrina de Jesus, a que **o próprio Divino Mestre ensina em suas comunicações**, que não fazem senão repetir e confirmar a doutrina dos Evangelhos*” ⁽¹⁹⁾ (grifo nosso).

Mas onde estariam essas mensagens com sua assinatura? Simples: em vez de “Jesus”, foram assinadas com o codinome “Espírito de Verdade”. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo “VI – O Cristo Consolador”, no

18 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 392-393.

19 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 365-366.

tópico “Instruções dos Espíritos”, temos registradas quatro mensagens assinadas pelo Espírito de Verdade.

O que encontramos registrado nas obras da Codificação foram menções às manifestações de Sócrates, que listamos por ordem de publicação:

1ª) 18/04/1857 - **O Livro dos Espíritos** - 1ª edição

NOTA XVII. (N.º 500.)

De face o que os próprios Espíritos dizem, quer da tendência deles a apropriar a linguagem às pessoas às quais se dirigem, quer da influência do meio sobre a natureza das comunicações, poder-se-ia perguntar se este LIVRO não é reflexo das ideias de aquele que o escreveu sob ditado. Algumas palavras responderão a isso. O Autor foi durante longo tempo incrédulo no tocante às comunicações. Teve que ceder à evidência dos fatos. Além disso, antes de escrever este LIVRO, tinha, sobre numerosos pontos importantes, opiniões diametralmente opostas àquelas que aí são expostas, e não modificou suas convicções senão após o ensinamento que lhe deram os Espíritos. Esse ensinamento lhe foi ditado por intermediação de diversos médiuns escreventes e falantes, que diferiam bastante entre si de caráter, e cujos conhecimentos a respeito de muitas questões não lhes permitiam ter uma opinião preconcebida; apesar disso houve sempre identidade perfeita na Doutrina por eles transmitida, e muita vez um completou, com vários meses de intervalo, a ideia dada por outro. Mas com que o Autor pôde exercer influência real foi com o desejo e a vontade de esclarecer-se, a ordem e a sequência metódicas que pôs no labor, o que permitiu aos Espíritos darem-lhe um ensinamento completo e regular, como o faria um professor que ensinasse uma ciência, seguindo o encadeamento das ideias. Com efeito, são verdadeiras lições que os Espíritos lhe deram perto de dois anos, marcando-lhe, eles próprios, dias e horas de entrevistas. É sobretudo nas comunicações íntimas e seguidas que se revelam com evidência a inteligência do poder oculto que se manifesta, sua individualidade, sua superioridade ou inferioridade.

Vários Espíritos concorreram simultaneamente a estas instruções, às quais assistiam, tomando alternadamente a palavra e falando um em nome de todos. Entre os que animaram personagens conhecidas citaremos JOÃO EVANGELISTA, **SÓCRATES**, FÉNELON, VICENTE DE PAULO, HAHNEMANN, FRANKLIN, SWEDENBORG e NAPOLEÃO PRIMEIRO; OS demais habitam Esferas elevadas e, ou nunca viveram na Terra ou aqui apareceram em época imemorável. Concebe-se que de uma tal reunião espírita somente podiam sair palestras graves e impregnadas de sabedoria; e esta sabedoria nunca se desmentiu um só momento, e nunca uma palavra equívoca e inconveniente lhe maculou a pureza. ⁽²⁰⁾ (grifo nosso)

2ª) 18/03/1860 – **O Livro dos Espíritos**, em “Prolegômenos”:

Contém as seguintes assinaturas:

João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, o Espírito de Verdade, **Sócrates**, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, e outros. ⁽²¹⁾

3ª) 15/01/1861 – **O Livro dos Médiuns**:

No item 186 do capítulo XVI, Allan Kardec afirma ter recebido orientações de Sócrates junto com Erasto ⁽²²⁾:

Agrupamos as diferentes espécies de médiuns por analogia de causas e efeitos, sem que esta classificação tenha algo de absoluto. Algumas se encontram com facilidade; outras, ao contrário, são raras e excepcionais, o que teremos cuidado de indicar. **Estas últimas indicações foram todas feitas pelos Espíritos**, que, aliás, reviram este quadro com particular atenção e o completaram por meio de numerosas observações e novas categorias, de sorte que o referido quadro é, a bem dizer, obra deles. Destacamos entre aspas as observações textuais que eles fizeram, sempre que nos pareceu conveniente assinalá-las. **São, na sua maioria, de Erasto e de Sócrates**. ⁽²³⁾ ⁽²⁴⁾ (grifo nosso)

Em relação aos “Prolegômenos” de *O Livro dos Espíritos*, como vimos são citados vários nomes, dentre os quais o de Sócrates e o do Espírito de Verdade ⁽²⁵⁾, o que nos coloca diante da seguinte situação: Sócrates, logicamente, não pode ser o Espírito de Verdade, porquanto são duas assinaturas distintas.

Fora essas, em atas da Sociedade **há referências a mensagens de Sócrates publicadas**, respectivamente, na *Revista Espírita 1859*, *Revista Espírita 1861* e *Revista Espírita 1867*, março, uma pequena mensagem ⁽²⁶⁾. Na *Revista Espírita 1868*, dezembro, são noticiadas 3 mensagens de Sócrates inseridas no primeiro número do *Critério Espiritista*, da Sociedade Espírita

21 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 49.

22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 238.

23 Quando julgou conveniente, Allan Kardec apôs as assinaturas, sendo que a de Sócrates aparece em duas delas. (KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, item 197, p. 203 e item 198, p. 204.)

24 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 191.

25 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 66.

26 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 357-358, *Revista Espírita 1861*, p. 99, *Revista Espírita 1867*, p. 82.

Espanhola. ⁽²⁷⁾

Em **O Livro dos Médiuns**, quando Allan Kardec fala dos Sistemas, no item 48, referindo-se ao *Sistema unispírita ou monoespírita*, ele faz uma colocação pela qual podemos concluir claramente que Cristo e o Espírito de Verdade são a mesma personalidade; vejamos:

Uma variedade do sistema otimista consiste na crença de que **um único Espírito se comunica com os homens, sendo esse Espírito o Cristo, que é o protetor da Terra**. [...]. Assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer coisas excelentes para tentar, outros pensam **que só Jesus se manifesta** e que pode dizer coisas abomináveis, para experimentar os homens. [...].

Quando lhes objetamos com os fatos de identidade, que atestam, por meio de manifestações escritas, visuais ou outras, a presença de parentes ou conhecidos, respondem que é sempre o mesmo Espírito – o diabo, segundo uns, **o Cristo, segundo outros – que toma todas as formas**. Mas não nos dizem por que razão os outros Espíritos não podem comunicar-se, e **com que objetivo o Espírito da Verdade viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências** para iludir uma pobre mãe, fazendo-lhe crer que tem ao seu lado o filho por quem derrama lágrimas. A razão se nega a admitir que **o mais santo de todos os Espíritos**, se rebaixe a tanto a ponto de representar semelhante comédia. [...]. ⁽²⁸⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Não podemos deixar de ressaltar que ainda que Allan Kardec não tivesse a intenção, ele faz uma relação objetiva entre o Cristo e o Espírito de Verdade de forma a não deixar dúvida alguma quanto à sua identidade.

Na hipótese de que somente o Cristo se manifesta, contra-argumenta o Codificador indagando “*com que objetivo **o Espírito da Verdade** viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências*” e, concluindo, “*A razão se nega a admitir que **o mais santo de todos os Espíritos**, se rebaixe a tanto a ponto de representar semelhante comédia*” (grifo nosso), o que nos leva a deduzir que não há a mínima possibilidade de entendimento, senão, o de que os dois são a mesma personalidade, porquanto, para manter-se coerente com o texto, o questionamento deveria ser: “*com que objetivo **o Cristo** viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências*” (grifo nosso).

27 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 396.

28 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2013, p. 53-54.

Merece destaque a afirmação de que ele seria “*o mais santo de todos*”, feita por Allan Kardec ao se referir ao Espírito de Verdade. A nosso ver, isso apenas indica que o Codificador tinha conhecimento da identidade do personagem que utilizava esse codinome. Sem dúvida, a expressão, caberia perfeitamente a Jesus. Em *O Livro dos Médiuns*, na tradução feita por Renata Barboza da Silva e Simone T. N. Bele da Silva, publicada pela Petit Editora, sediada na cidade São Paulo (SP), essa questão se torna mais evidente: “*o Espírito, entre todos o mais santo*” (29).

Podemos ainda corroborar que Allan Kardec tinha essa informação, em se comparando essas duas falas dele; a primeira em **O Evangelho Segundo o Espiritismo** e a segunda em **A Gênese**, uma delas já citada anteriormente:

[...] o Espiritismo [...]. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Portanto o Espiritismo é obra **do Cristo, que Ele mesmo preside**, assim como preside, conforme igualmente o anunciou, **à regeneração que se opera** e prepara o Reino de Deus na Terra. (30) (grifo nosso)

[...] reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é **o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento regenerador**, a promessa do seu advento se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador*. (31) (itálico do original, negrito nosso)

Aqui é oportuno lembrar que *O Evangelho Segundo o Espiritismo* foi publicado em abril de 1864, enquanto que o livro *A Gênese*, o foi em janeiro de 1868. Queremos chamar a sua atenção, caro leitor, para que observe a comparação que faremos entre essas duas transcrições:

“obra do **Cristo, que ele mesmo preside... à regeneração que se opera**”; e

“é o **Espírito de Verdade que preside ao grande movimento da regeneração.**”

Ao falar do Espiritismo, Allan Kardec afirma, inicialmente, que é o Cristo

29 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2004, p. 49.

30 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 2013, p. 40.

31 KARDEC, *A Gênese*, 2013, p. 32.

quem o preside; posteriormente, porém, declara que quem preside é o Espírito de Verdade. Dessa aparente dualidade, podemos concluir que ambos são, indubitavelmente, a mesma personalidade, visto que a coordenação geral do movimento de regeneração coube a um único ser.

Percebe-se, com clareza, que se trata da mesma individualidade, embora mencionada sob nomes distintos. Isso reforça, em nós, a convicção de que Allan Kardec sabia perfeitamente quem era o Espírito de Verdade – que, para ele, não era outro senão o próprio Jesus.

Em ***As Mil Faces da Realidade Espiritual***, o autor Hermínio Corrêa Miranda (1920-2013), destacado estudioso espírita, afirmou que:

Não há como duvidar, portanto, de que, em algum momento, presumivelmente **entre 1861 a 1863, Kardec foi informado de que o Espírito de Verdade era o próprio Cristo.** ⁽³²⁾ (grifo nosso)

Podemos estar enganados, mas a nossa hipótese é a de que Allan Kardec teve essa informação entre junho de 1858 a dezembro de 1860. Para estimar essa última data levamos em consideração que a obra *O Livro dos Médiuns*, foi publicada em janeiro de 1861.

Vejamos, por oportuno, algumas fontes de origem mediúnica. Da *Revista Espírita*, destacamos estas três falas do Espírito Erasto:

1ª) ***Revista Espírita 1861***, em 19 de setembro de 1861, aos Espíritos lioneses:

Não poderíeis crer o quanto nos é doce e agradável presidir ao vosso banquete, onde o rico e o artesão se acotovelam bebendo fraternalmente; onde o judeu, o católico e o protestante podem se sentar na mesma comunhão pascal. Não poderíeis crer o quanto estou orgulhoso em distribuir, a todos e a cada um, os elogios e os encorajamentos que **o Espírito de Verdade, nosso mestre bem-amado**, me ordenou conceder às vossas piedosas coortes [...]. ⁽³³⁾ (grifo nosso)

2ª) ***Revista Espírita 1861***, na data de 14 de outubro de 1861, aos Espíritos de Bordeaux:

32 MIRANDA, *As Mil Faces da Realidade Espiritual*, p. 46.

33 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 305.

Sei o quanto vossa fé em Deus é profunda, e quão fervorosos adeptos sois da nova revelação; é por isso que vos digo, em toda a efusão de minha ternura por vós, estaria desolado, estaríamos todos desolados, nós que somos, **sob a direção do Espírito de Verdade, os iniciadores do Espiritismo na França**, se a concórdia das quais destes, até este dia, provas brilhantes viessem a desaparecer de vosso meio. [...]. Devo vos fazer ouvir uma voz tanto mais severa, meus bem-amados, quanto **o Espírito de Verdade, mestre de nós todos**, espera mais de vós. ⁽³⁴⁾ (grifo nosso)

3ª) **Revista Espírita 1868**, da mensagem “Futuro do Espiritismo”, em Paris, 1863:

Eis, meus filhos, a verdadeira lei do Espiritismo, a verdadeira conquista de um futuro próximo. Caminhai, pois, em vosso caminho, imperturbavelmente, sem vos preocupar com as zombarias de uns e amor-próprio ferido de outros. Estamos e ficaremos convosco, **sob a égide do Espírito de Verdade, meu senhor e o vosso**. ⁽³⁵⁾ (grifo nosso)

Ressaltamos as expressões: **“nosso Mestre bem-amado”, “Mestre de nós todos”, “o Filho de Deus”, “Divino Mestre” e “Meu senhor e o vosso”**. A quem poderíamos atribuir todos esses títulos? Isso mesmo: há apenas um ser digno de recebê-los, isoladamente ou em conjunto – o próprio Jesus.

Na obra **Cartas e Crônicas** (1966), ditada pelo Espírito **Irmão X** – codinome utilizado pelo Espírito Humberto de Campos – ao médium Chico Xavier, encontra-se a mensagem intitulada “Kardec e Napoleão”, que relata uma reunião ocorrida no mundo espiritual em 31 de dezembro de 1799, cujo conteúdo transcrevemos:

Logo após o Brumário (9 de Novembro de 1799), quando Napoleão se fizera o primeiro Cônsul da República Francesa, reuniu-se, **na noite de 31 de Dezembro de 1799**, no coração da latinidade, nas esferas Superiores, grande assembleia, de espíritos sábios e benevolentes, para marcarem a entrada significativa do novo século.

Antigas personalidades de Roma Imperial, **pontífices e guerreiros das Gálias**, figuras notáveis da Espanha, ali se congregavam à espera do expressivo acontecimento.

Legiões dos Césares, com os seus estandartes, **falanges de**

34 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 348/350.

35 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 51.

batalhadores do mundo gaulês e grupos de pioneiros da evolução hispânica, associados a múltiplos representantes das Américas, guardavam linhas simbólicas de posição de destaque.

Mas não somente os latinos se faziam representados no grande conclave. Gregos ilustres, lembrando as confabulações da Acrópole gloriosa, israelitas famosos, recordando o Templo de Jerusalém, deputações eslavas e germânicas, grandes vultos da Inglaterra, sábios chineses, filósofos hindus, teólogos budistas, sacrificadores das divindades olímpicas, renomados sacerdotes da Igreja Romana e continuadores de Maomet ali se mostravam, como em vasta convocação de forças da ciência e da cultura da Humanidade.

No concerto das brilhantes delegações que aí formavam, com toda a sua fulguração representativa, **surgiam Espíritos de velhos batalhadores do progresso que voltariam à liça carnal ou que a seguiriam, de perto,** para o combate à ignorância e à miséria, **na laboriosa preparação da nova era da fraternidade e da luz.**

No deslumbrante espetáculo da **Espiritualidade Superior, com a refulgência de suas almas, achavam-se Sócrates, Platão, Aristóteles, Apolônio de Tiana, Orígenes, Hipócrates, Agostinho, Fénelon, Giordano Bruno, Tomás de Aquino, S. Luís de França, Vicente de Paulo, Joana D'Arc, Teresa d'Avila, Catarina de Siena, Bossuet, Spinoza, Erasmo, Milton, Cristóvão Colombo, Gutenberg, Galileu, Pascal, Swedenborg e Dante Alighieri,** para mencionar apenas alguns heróis e paladinos da renovação terrestre; e, em plano menos brilhante, encontravam-se, no recinto maravilhoso, trabalhadores de ordem inferior, incluindo muitos dos ilustres guilhotinados da Revolução, quais Luiz XVI, Maria Antonieta, Robespierre, Danton, Madame Roland, André Chenier, Bailly, Camille Desmoulins e grandes vultos como Voltaire e Rousseau.

Depois da palavra rápida de alguns orientadores eminentes, invisíveis clarins soaram na direção do plano carnal e, em breves instantes, do seio da noite, que velava o corpo ciclópico do mundo europeu, emergiu, sob a custódia de esclarecidos mensageiros, reduzido cortejo de sombras, que pareciam estranhas e vacilantes, confrontadas com as feéricas irradiações do palácio festivo.

Era um grupo de almas, ainda encarnadas, que, constringidas pela Organização Celeste, remontavam à vida espiritual, para a reafirmação de compromissos.

À frente, vinha Napoleão, que centralizou o interesse de todos os circunstantes. Era bem o grande corso, com os seus trajes habituais e com o seu chapéu característico.

Recebido por diversas figuras da Roma antiga, que se apressavam em oferecer-lhe apoio e auxílio, o vencedor de Rivoli ocupou radiosa poltrona que, de antemão, lhe fora preparada.

Entre aqueles que o seguiram, na singular excursão, encontravam-se respeitáveis autoridades reencarnadas no Planeta, como Beethoven, Ampère, Fúlton, Faraday, Goethe, João Dálton, Pestalozzi, Pio VII, além de muitos outros campeões da prosperidade e da independência do mundo.

Acanhados no veículo espiritual que os prendia à carne terrestre, quase todos os recém-vindos banhavam-se em lágrimas de alegria e emoção.

O Primeiro-Cônsul da França, porém, trazia os olhos enxutos, não obstante a extrema palidez que lhe cobria a face. Recebendo o louvor de várias legiões, limitava-se a responder com acenos discretos, quando os clarins ressoaram, de modo diverso, como se pusessem a voar para os cimos, no rumo do imenso infinito...

Imediatamente uma estrada de luz, à maneira de ponte levadiça, projetou-se do Céu, ligando-se ao castelo prodigioso, dando passagem a inúmeras estrelas resplendentes.

Em alcançando o solo delicado, contudo, esses astros se transformavam em seres humanos, nimbados de claridade celestial.

Dentre todos, no entanto, um deles avultava em superioridade e beleza. Tiara rutilante brilhava-lhe na cabeça, como que a aureolar-lhe de bênçãos o olhar magnânimo, cheio de atração e doçura. Na destra, guardava um cetro dourado, a recamar-se de sublimes cintilações...

Musicistas invisíveis, através dos zéfiros que passavam apressados, prorromperam num cântico de hosanas, sem palavras articuladas.

A multidão mostrou profunda reverência, ajoelhando-se muitos dos sábios e guerreiros, artistas e pensadores, enquanto todos os pendões dos vexilários arriavam, silenciosos, em sinal de respeito.

Foi então que o corso se pôs em lágrimas e, levantando-se, avançou com dificuldade, na direção do mensageiro que trazia o báculo de ouro, postando-se genuflexo, diante dele.

O celeste emissário, sorrindo com naturalidade, ergueu-o, de pronto, e procurava abraçá-lo, quando o Céu pareceu abrir-se diante de todos, e uma voz enérgica e doce, forte como a ventania e veludosa como a ignorada melodia da fonte, exclamou para Napoleão, que parecia eletrizado de pavor e júbilo, ao mesmo tempo:

– Irmão e amigo, ouve **a Verdade**, que te fala em meu espírito! **Eis-te à frente do apóstolo da fé, que, sob a égide do Cristo**, descerrará para a Terra atormentada um novo ciclo de conhecimento...

César ontem, e hoje orientador, rende o culto de tua veneração, ante o pontífice da luz! Renova, perante o Evangelho, o compromisso de auxiliar-lhe a obra renascente!...

[...].

Recorda que, obedecendo a injunções do pretérito, **renascestes para garantir o ministério espiritual do discípulo de Jesus que regressa à experiência terrestre**, e vale-te da oportunidade para santificar os excelsos princípios da bondade e do perdão, do serviço e da fraternidade do Cordeiro de Deus, que nos ouve em seu glorificado sólio de sabedoria e de amor!

[...].

Confiamos, pois, ao teu espírito valoroso a governança política dos novos eventos e que o Senhor te abençoe!...

Cânticos de alegria e esperança anunciaram nos céus a chegada do século XIX e, **enquanto o Espírito da Verdade, seguido por várias coortes resplandecentes, voltava para o Alto**, a inolvidável assembleia se dissolvia...

O apóstolo que seria Allan Kardec, sustentando Napoleão nos braços, conchegou-o de encontro ao peito e acompanhou-o, bondosamente, até religá-lo ao corpo de carne, no próprio leito.

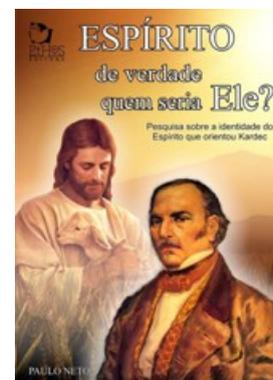
.....

Em 3 de outubro de 1804, o mensageiro da renovação renascia num abençoado lar de Lião, mas o Primeiro-Cônsul da República Francesa, assim que se viu desembaraçado da influência benéfica e protetora do Espírito de Allan Kardec e de seus cooperadores, que retomavam, pouco a pouco, a integração com a carne, confiantes e otimistas, engalanou-se com a púrpura do mando e, embriagado de poder, proclamou-se Imperador, em 18 de maio de 1804, ordenando a Pio VII viesse coroá-lo em Paris.

Napoleão, contudo, convertendo celestes concessões em aventuras sanguinolentas, foi apressadamente situado, por determinação do Alto, na solidão curativa de Santa Helena, onde esperou a morte, enquanto **Allan Kardec, apagando a própria grandeza, na humildade de um mestre-escola, muita vez atormentado e desiludido, como simples homem do povo, deu integral cumprimento à divina missão que trazia à Terra**, inaugurando a era espírita-cristã, que, gradativamente, será considerada em todos os quadrantes do orbe como a sublime renascença da luz para o mundo inteiro. ⁽³⁶⁾ (grifo nosso)

Se, nessa assembleia, estavam presentes tanto Sócrates quanto o Espírito de Verdade, é lógico e racional concluir que não se trata da mesma individualidade espiritual. Os nomes sublinhados na lista dos “*Espíritos sábios e benevolentes*” presentes àquela assembleia são dos que também participaram da Codificação Espírita.

Portanto, diante de tudo que aqui apresentamos, não é possível aceitar que o filósofo Sócrates seja o Espírito de Verdade. Em pesquisa profunda intitulada ***Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*** ⁽³⁷⁾, na qual reunimos diversos das obras da Codificação e de outras fontes espíritas, - entre elas, também de quatro pesquisadores - e analisamos as objeções existentes,



36 XAVIER, *Cartas e Crônicas*, p. 122-126.

37 SILVA NETO SOBRINHO, *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/espírito-de-verdade-quem-seria-ele-ebook>

identificamos esse Espírito como sendo o próprio Jesus.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Set/2025

Revisão: Hugo Alvarenga Novaes

Thiago Toscano Ferrari

Referências bibliográficas:

KARDEC, A. *Iniciação Espírita*. São Paulo: Edicel, 1986.

KARDEC, A. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. (PDF) São Paulo: Petit Editora, 2004.

KARDEC, A. *O Primeiro Livro dos Espíritos*. São Paulo: Cia Editora Ismael, 1957.

KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras (SP): IDE, 1999.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras (SP): IDE, 1993.

MIRANDA, H. C. *As Mil Faces da Realidade Espiritual*. Sobradinho (DF): Edicel, 1993.

RIZZINI, J. *Kardec, Irmãs Fox e Outros*. Capivari (SP): EME, 1995.

XAVIER, F. C. *Cartas e Crônicas*. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/espírito-de-verdade-quem-seria-ele-ebook>. Acesso em: 04 set. 2025.